

A Filosofia e Ciência Modernas nos Escritos do Padre Simão de Vasconcelos*

Beatriz Helena Domingues* *

Sinopse

O objetivo deste artigo é oferecer uma leitura de *Notícias curiosas e necessárias das coisas do Brasil*, escrito pelo jesuíta Simão de Vasconcelos em 1668, relacionando os comentários sobre a natureza e o homem brasileiro por Vasconcelos com o debate epistemológico então em voga na Europa sobre uma abordagem científica da natureza e sobre a racionalidade do conhecimento humano. Busco especialmente assinalar as continuidades e descontinuidades entre o seu pensamento, e o dos jesuítas em geral, e as principais questões abordadas por filósofos e cientistas modernos na Europa do século XVII.

Palavras-chave: filosofia moderna; ciência moderna; pensamento jesuíta no século XVII.

Abstract

This article intends to offer an interpretation of *Notícias curiosas e necessárias das coisas do Brasil*, (*Curious and Necessary News on Brazilian Things*), written by the Jesuit Simão de Vasconcelos in 1668, relating Vasconcelos' theological and naturalist comments on nature and man of Brazil with the European

* Este artigo é resultado de pesquisa financiada pela FAPEMIG sobre a problemática inclusão dos jesuítas na modernidade ocidental.

** Doutora pela COPPE/UFRJ; professora do Departamento de História e da Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF; professora visitante do Colorado College, EUA.

epistemological debate on the scientific approach to nature, as well as on the rationality of human knowledge. The main idea is to raise some questions on the continuities and discontinuities between his thought and Jesuit thought in general and the main questions posed by modern philosophers and scientists in seventeenth century Europe.

Key words: modern philosophy; modern science; 17th century Jesuit's thought.

1 - Introdução

O Pe. Simão de Vasconcelos nasceu no Porto em 1597, onde estudou humanidades, filosofia e teologia, e veio para o Brasil aos dezenove anos, quando entrou para a Companhia de Jesus. Acompanhou o padre Vieira na embaixada da Restauração Portuguesa em 1641 e retornou ao Brasil em 1642. Ocupou quase todos os cargos da Companhia de Jesus no Brasil (reitor do Colégio da Bahia, reitor do Colégio do Rio de Janeiro e provincial). Faleceu em 1671 no Rio. Para fins desse artigo, estaremos lidando com o seu livro *Notícias curiosas e necessárias das coisas do Brasil* (1668), publicado juntamente com a *História da Companhia de Jesus no Brasil*.¹ A opção por *Notícias curiosas e necessárias das coisas do Brasil* se deve ao fato de neste livro, em que se propõe a escrever a história do Brasil desde a sua descoberta até a morte do primeiro jesuíta do Brasil e da América, Manoel da Nóbrega, Vasconcelos se dedica a fazer perguntas e oferecer conjecturas e respostas para diferentes aspectos da vida brasileira – tais como clima, povoamento, costumes, etc. –, nos quais é possível identificar uma visível conexão com as principais questões teológicas, filosóficas e científicas debatidas na Europa do século XVII.

A *História da Companhia de Jesus no Brasil* percorre o período de Nóbrega até o padre João de Almeida, e é mais direcionada para a história da atuação da Companhia de

1 VASCONCELOS, Simão de, *Crônica da Companhia de Jesus*. [N. do E.: Para referências bibliográficas completas deste e dos outros títulos, cf. as Referências Bibliográficas abaixo.]

Jesus no Brasil. Ainda assim, gostaria apenas de registrar que o frontispício da *História da Companhia de Jesus no Brasil* é uma bela alegoria, cujo quadro é constituído por motivos da fauna e flora do Brasil e objetos científicos, o globo terrestre e a ampulheta. Ao centro, o mar, e nele um galeão armado, simbolizando a Companhia. Nas velas enfunadas: *Unus non sufficit Orbis*, aludindo ao Novo Mundo. Dentro do galeão alguns jesuítas, empenhando o que vai à frente (Nóbrega) o estandarte da Companhia com a divisa I.H.S.

A estrutura do texto de *Notícias curiosas e necessárias das coisas do Brasil* compõe-se de perguntas endereçadas pelo Pe. Simão de Vasconcelos aos índios, seguidas de comentários das respostas a ele oferecidas, sempre tentando “medir” sua concordância com teses mais antigas e recentes que os europeus vinham discutindo até então. Neste sentido, é um documento riquíssimo para o nosso propósito de tentar equacionar a inserção do autor na história intelectual do século XVII a partir de suas afinidades e discordâncias com as novas abordagens filosóficas e científicas então emergentes na Europa, que tanto impacto tiveram na história da ciência e da filosofia.

Como tantos outros ibéricos do século XVII, Vieira inclusive, Vasconcelos não escapou da obsessão com o enaltecimento do século XVI, seus empreendimentos marítimos, coloniais, científicos e religiosos, no qual se inclui a criação da Companhia de Jesus e sua instalação no Brasil. Aliás, não só para ele como para muitos outros jesuítas, a história da Companhia de Jesus e de sua instalação no Brasil são, a rigor, uma só. Está também presente nele, como em Vieira e nos puritanos da Inglaterra e da Nova Inglaterra, a busca de poucas e seguras certezas característica das chamadas “revoluções” científica e religiosa.²

2 Coloquei o termo “revoluções” entre aspas porque, com Benjamin Nelson, Richard Morse e outros, entendo ambas as revoluções muito mais enquanto respostas a questões que vinham sendo colocadas desde a Baixa Idade Média, mas que, até então, vinham sendo respondidas ao nível da probabilidade e da possibilidade.

2 - A Inclusão do “Novo Mundo” no “Velho Mundo”

A própria forma como se apresenta o texto – enunciando dúvidas enquanto uma forma pedagógica de expor ao leitor as suas respostas, ponderando os vários pontos de vista (teorias) já existentes sobre o assunto e oferecendo-lhe, na maioria dos casos, uma solução baseada na razão, mas também na experiência – denuncia o inequívoco pertencimento de Simão de Vasconcelos ao século XVII. Como em Descartes, a dúvida, em seus escritos como nos de Vieira, não passa de recurso retórico extremamente bem explorado. Mais do que uma atitude de abertura indiscriminada frente a novidades que pudessem vir a convencê-los, aproxima-se mais de uma forma “socrática” de conduzir e convencer o leitor.³

Logo na introdução de *Notícias curiosas e necessárias das cousas do Brasil* (1668), quando o autor se coloca frente ao desafio de seu objeto, ele previne o leitor de que

é força, não já de estilo somente, mas de necessidade, que descreva primeiro este lugar (Brasil), onde as batalhas foram por uma parte feridas, e por outra tão remontadas dos olhos dos homens (europeus), que pedem para seu crédito toda a distinção e clareza.⁴

No Livro 1 ele se propõe a falar deste Novo Mundo desde o descobrimento do Brasil, do Tratado de Tordesilhas, descrevendo suas costas, rios, portos, cabos, enseadas, etc. E se coloca as seguintes questões: Quem foram os primeiros progenitores dos índios? Em que tempo entraram neste Novo Mundo? De que parte vieram? De que nação eram? Por que e de que maneira entraram? Como não conservaram em seus descendentes suas cores, línguas e costumes? As perguntas

3 Pareceu-me significativa a freqüência do uso de termos como razão, dúvida, experiência, prova, bem como referência a critérios de racionalidade (e, com menos freqüência, aos de cientificidade) do século XVII.

4 VASCONCELOS, *Notícias curiosas e necessárias das cousas do Brasil*, p.40.

em si, bem como a ordem em que se apresentam, já elucidam a determinação do autor de integrar a história do Novo Mundo e seus habitantes com a história cristã. A formação escolástica do autor leva-o a privilegiar, não as singularidades do Novo Mundo (embora ele sem dúvida as reconheça, como veremos adiante), mas a inserção da América e de seus habitantes no conjunto dos demais continentes.

Começa expressando uma dúvida sobre a “opinião mais comum”, segundo a qual Deus, quando da criação do mundo, teria escolhido, dentre as partes do mundo, Europa, Ásia e África, que compõem uma só parte, para “autorizá-la com patriarcas, cabeça dos viventes racionais”. A outra parte, “outro mundo igual, não menos aprazível”, Deus deixou ficar “no esquecimento, sem Paraíso, sem Patriarcas, sem sua divina presença humanada”.⁵ Conforme veremos, a teoria de Simão de Vasconcelos sobre o Novo Mundo reúne uma interessante combinação de argumentos racionais e científicos com teses teológicas.⁶ Partindo da descrição da natureza do Brasil, e relacionando-a com a discussão então em voga na Europa sobre filosofia natural, o autor argumenta “racionalmente” que exatamente nestas partes, supostamente esquecidas por Deus, teria ele plantado o “paraíso terrestre”, tão procurado na Ásia e na África. A tese paradisíaca era compartilhada por Vieira que, amparado na correta leitura das profecias, não tinha dúvidas sobre a localização do Éden na América do Sul, reforçando sua associação entre “novo mundo” e “fim do mundo”.

Sempre referindo-se às informações obtidas “da boca” dos próprios índios, o autor se propõe a jogar por terra grande

5 Ibid., p. 50.

6 Este me parece um pressuposto do pensamento jesuítico no século XVII que permite enquadrá-los na “Modernidade Medieval” (cf. Beatriz H. DOMINGUES, *Tradição na Modernidade e Modernidade na Tradição*). Estou também tentando investigar se, e como, tal combinação estaria presente nos escritos dos puritanos no mesmo período. Vasconcelos parece ter especial preferência pela expressão “pede a razão que vejamos”.

parte do que já se escreveu, sem conhecimento de causa ou depoimentos verídicos, sobre esta parte do mundo. Ao se referir ao rio Amazonas, denomina-o “imperador dos rios”,⁷ conforme o parecer “de um douto e curioso descobridor das obras meteorológicas da natureza, de nossos tempos, por nome Liberto Formondo, no livro quinto de seus *Meteoros*”. Segundo Formondo, o Amazonas seria mais um rio do que um mar porque chega a ter a largura de setenta léguas. “O comprimento deste grão gigante dos rios é de mil e trezentas, mil e seiscentas, ou mil e oitocentas léguas, segundo cômputos vários dos que o navegaram” (argumento da experiência). A distância por onde estende “seus braços espaçosos, direito e esquerdo, soma passante de mil léguas; e assim deve ser de razão para ser verdade o que dizem, que chegam no meio do sertão a dar-se as mãos estes dois rios do Pará, e da Prata”.⁸ Com isto se propõe a desmentir a “idéia comum” de que os maiores rios do mundo são o Nilo, o Ganges, etc.

No que diz respeito aos habitantes da região amazônica, faz referência às teorias que afirmavam ser esta habitada por nações monstruosas: uma de anões (Goiaizis), outra de povos com os pés às avessas (Matuiús), outra de gigantes (Curingueans), e uma de mulheres (Amazonas, semelhantes às da Antigüidade). Enuncia também os relatos de viajantes que desde o início do século anterior tiveram contato com a região, concluindo que

7 Essa e muitas outras analogias utilizadas pelo autor nos permitem identificar uma visão emblemática da natureza que perpassava o pensamento jesuítico no século XVII, estreitamente conectado com a adesão dos jesuítas à filosofia natural aristotélica, que via o mundo da natureza enquanto provido de leis de desenvolvimento semelhantes às dos demais organismos vivos. Um interessante estudo da visão emblemática da natureza do aristotelismo-tomista na América espanhola, e sua utilização enquanto suporte do discurso nacionalista por ocasião da libertação em relação à Espanha no início do século XIX pode ser encontrado em Jorge Cañizares ESGUERRA, *Latin America: from Baroque to Modern Colonial Science*.

8 VASCONCELOS, *Notícias curiosas...*, p. 62. “Com seus braços abertos”, mais uma ilustração do recurso à metáfora decorrente de uma visão emblemática da natureza.

“todos concordam, e dizem coisas maravilhosas, e tão grandes, que nenhum pecado cometeriam os que dissessem que junto a este rio plantará Deus Nosso Senhor o paraíso terreal. Mas, antes de falar de “ cousas tão modernas”, o autor prossegue falando sobre o rio Paraguai, propondo-se a provar que trata-se do segundo maior rio do mundo, e de outras maravilhas desta *Terra Brasilis*.

É um movimento interessante. Em um primeiro momento o autor preocupa-se em justificar a veracidade dos relatos do século anterior, baseados na experiência dos que aqui vieram e no testemunho dos índios, considerados por ele fontes fidedignas. Num segundo, conclui que ambos conduzem a uma única e necessária conclusão: o Paraíso terrestre encontra-se nesta parte até recentemente desconhecida do hemisfério sul, conclusão à qual também chega Vieira, embora por caminhos diferentes.

Tentando provar a veracidade dos relatos dos índios, Vasconcelos argumenta que tudo a que ele está se referindo foi-lhe mostrado por “aqueles índios aos nossos Cosmógrafos; e tudo *o tempo, descobridor das cousas, tem mostrado mais claro*”.⁹ E como a curiosidade do homem em procurar saber “é tão natural”,¹⁰ é de se esperar que, tanto quanto outros que vieram “a essas partes” antes deles, homens como Vasconcelos pretendessem (depois de adquirida mais notícias das línguas) “tirar dos índios algumas respostas das dúvidas que tinham”. Ele via nos índios um aliado importante do qual outros missionários anteriores a ele não dispuseram, em parte por desconhecimento da língua e, conseqüentemente, da tradição. Isso se dava não por qualquer inferioridade de seus predecessores, mas principalmente porque só agora, o tempo, “descobridor das cousas, tem mostrado de forma mais clara

9 Ibid., p. 67. Está aqui expressa a premissa central da *História do Futuro* de Antônio Vieira.

10 Também Vieira considera a curiosidade uma característica intrínseca ao ser humano, especialmente aquela em relação ao que está por vir, capaz por si só de explicar o sucesso de que desfrutaram as ciências adivinhatórias até que ele fosse capaz de oferecer uma “antecipação científica do futuro, baseada em fontes fidedignas”.



e inequívoca o que antes era obscuro”.¹¹ Conforme vimos, Vieira afirmava que as profecias, contidas na Bíblia desde sempre, eram então mais claras devido à proximidade do futuro, por ele identificada com o milênio, comprovado pela descoberta do hemisfério sul.

O apoio de Vasconcelos nos relatos indígenas para comprovar a veracidade de suas teses é, entretanto, extremamente “flexível”. Pode-se perceber que o amparo na resposta dos índios a várias das questões colocadas, que ocorre com bastante frequência, depende de sua coincidência ou não com teses relativamente antigas que o autor propõe-se a provar, especialmente aquela que fala da passagem do apóstolo Tomé pela América, pregando aqui o Evangelho no primeiro século da era cristã. Quando as respostas dos índios não correspondem ao esperado por Vasconcelos, ele previne o leitor da dificuldade que representa, para tais nações, responder às dúvidas colocadas, pois “não tinham uso de livros, nem de arquivos mais do que de suas memórias, e que somente nestas estampavam as histórias de sua antigualhas, e dos sucessos que pelo decurso do tempo iam ouvindo uns dos outros”.¹² Ou seja, quando a resposta dos índios às questões a eles colocadas coincidem com a “filosofia” (argumento de autoridade) e a “experiência”, nosso autor não esconde sua satisfação.¹³ Nestas ocasiões, Vasconcelos acopla a elas um verdadeiro arrazoado sobre a importância da tradição oral, em um momento em que a mesma vem sendo substituída e descartada pela tradição escrita. Mas o tom geral da obra de Vasconcelos, com a dos jesuítas em geral, baseia-se no pressuposto da superioridade da palavra escrita, única capaz de manter a veracidade, universalidade e imutabilidade da palavra de Deus.

Se a defesa da tradição oral nos impulsionaria a incluir Vasconcelos entre aqueles que permaneceram fiéis ao que

11 VIEIRA, *História do Futuro*, p. 68.

12 VASCONCELOS, *Notícias curiosas...*, p. 82.

13 É o caso da resposta dos índios “à não preservação de suas cores”, que será discutido adiante.

Stephen Toulmin denominou a primeira etapa da modernidade – a “modernidade humanista” – que no século XVII se viu substituída pela “modernidade científico-racional”, seu compromisso com a superioridade do texto escrito poderia nos levar na direção oposta, identificando-o com a “modernidade científico-racional”.¹⁴ Mas, como foi o caso também de Vieira e dos jesuítas em geral, sua adesão à palavra escrita foi mais forte. A singularidade da defesa jesuítica da palavra escrita em relação a outros grupos está na justificativa. Na discussão sobre a diversidade lingüística no século XVII, os jansenistas acreditavam na existência de uma gramática universal que transformava a lingüística em uma “ciência racional” e mudava a concepção medieval de língua enquanto algo primariamente escrito por Deus. Influenciados por Descartes, Pascal, e principalmente Agostinho, os jansenistas se sentiam especialmente incomodados com a interpenetração de elementos naturais e sobrenaturais no escolasticismo, e responderam distinguindo firmemente entre os reinos da graça e da natureza. De forma que, embora permanecessem enraizados na teologia agostiniana, a rígida separação por eles estabelecida entre revelação e os julgamentos da razão aceleraram a secularização do estudo da linguagem. Em contraste, os jesuítas retiveram o conceito de linguagem enquanto um *medium* autoritário entre os mundos da graça e da natureza e, seguindo Santo Ignácio, acreditavam que o aprendizado dos dialetos locais era vital para o trabalho missionário.

Relatando uma das entrevistas com os índios, conta-nos Vasconcelos que, perguntados como teria ocorrido o povoamento da América, explicavam eles pela teoria do “dilúvio” em sua versão americana (tupi, inca). Quanto à procedência, sabiam, por seus antepassados, que tinham vindo de uma outra terra, mas não sabiam de onde. Sabiam apenas que os

14 Para uma discussão aprofundada das “etapas da modernidade ocidental”, cf. Stephen TOULMIN, *Cosmopolis*; para uma discussão da importante participação dos jesuítas na modernidade humanista, mas não inteiramente na “modernidade científico-racional”, ver DOMINGUES, *Tradição na Modernidade*.

primeiros haviam chegado na região de Cabo Frio, e não encontrando aí ninguém, resolveram se estabelecer. Seguiu-se então a divisão das famílias e o povoamento das demais regiões da América. Explicavam a mudança de cor e de língua decorrente desta migração em função do clima, argumento considerado bastante plausível pelo autor: “Façamos uma experiência, diziam: trocai vós outros conosco os trajos, e andais nus ao sol, e à chuva, quais nós andamos; e vereis logo, que de brancos vos hei de tornar da nossa cor”.¹⁵

No que se referia ao esquecimento da antiga religião entre os índios, contaram uma lenda bastante antiga, que Vasconcelos interpreta como consoante com a tese sobre a vinda do profeta Tomé a estas terras em tempos remotos. Neste caso, as lendas indígenas eram tratadas como fidedignas porque eram tomadas como elaborações religiosas diferentes, mas cristãs em sua essência. O fato de Vasconcelos e seus colegas jesuítas já estarem convencidos da universalidade de uma mesma religião em tempos antigos, certamente os impulsionava a buscar o que consideravam a presença de aspectos do cristianismo em religiões americanas, assim como nas africanas e asiáticas. Tal crença esteve na base do que Otávio Paz denominou “sincretismo universalizante dos jesuítas”.¹⁶ Já outras convicções dos índios, como aquelas referentes aos modos como escaparam do dilúvio – “ou sobre árvores, ou montes, ou de outras maneiras” – ou como continuaram a povoar o mundo, são consideradas “ridículas” pelo autor. Pois, “depois do dilúvio geral do mundo, é incerto em que tempo passaram a estas partes, os primeiros povoadores delas, *o que se vê claramente*”.¹⁷ E passa então a expor, de uma forma eclética, as diversas teorias relacionando o povoamento da América com o dilúvio universal: a tese que vê nos hebreus os primeiros povoadores, a que os relaciona a Ofir, da Índia, e a que fala da tentativa de se edificar na América a torre chamada de Babel,

15 VASCONCELOS, *Notícias curiosas ...*, p. 83.

16 Octavio PAZ, *Sor Juana Ines de la Cruz*.

17 VASCONCELOS, *Notícias curiosas ...*, p. 84.

“cujas ameias queriam que chegassem ao céu”. A opinião que identifica os primeiros povoadores da América com os hebreus parece ao autor “*bastante provável*, e como tal já havia sido e vinha sendo defendida ‘com forçosos argumentos’ pelo padre João de Pineda da Companhia de Jesus,¹⁸ em escrito no qual retratava o parecer contrário que tinha seguido em seus comentários sobre Ió”.¹⁹ É também defendida pelo dominicano padre Fr. Gregório Garcia em *De indorum Occidentalium Origine*²⁰ Mas, ao invés de sugerir ao leitor que decida por si próprio sobre a melhor opinião, ocupa-se em tentar provar a veracidade de uma delas, que considera “bastante provável”: a tese hebraica.

Na verdade, os fundamentos que trazem por si estes Autores fazem a cousa muito verossímil; porque ninguém pode negar, que o grande sábio Salomão com sua alta sabedoria teve conhecimento de todas as terras do mundo. Pois se tinha conhecimento do mundo, e sabia conseguintemente, os tesouros das riquezas da América, especialmente de Maldivia, Peru, Chile, e as da terra do Brasil, e tinha tão grande desejo de ajuntá-las para a obra do templo de Deus, que trazia entre mãos; por que não mandaria em busca delas as partes sobreditas?²¹

A argumentação “racional e lógica” é pelo autor considerada automaticamente uma verdade histórica. O que teria impedido a Armada de Salomão de penetrar também nas terras do ocidente? Segundo Vasconcelos, as opiniões dos antigos filósofos de que tais mares não eram navegáveis, nem habitáveis estas terras, não conseguem se manter. Até porque a distância entre as terras de Salomão e o Cabo da

18 João de PINEDA, *De Rebus Salomonis*, liv. 4, cap. 16, fol. 214, cit. ap. VASCONCELOS, *Notícias curiosas ...*, p. 85.

19 Ibid.

20 Pe. Garcia, por sua vez, cita a favor de sua teoria Vatalo, Postello, Goropio, Arias Montano, Genebrardo, Marino Lixiano, Antônio Possivino, Rodrigo Yepes, Bosio, Manoel de Sá, etc.

21 Uma interessante combinação de critério de autoridade com a “racionalidade” moderna.

Boa Esperança e o Brasil, e daí à Nova Espanha, é menor do que até a Espanha antiga, África e Fenícia,

onde comumente dizem os autores chegavam as naus de Salomão, como se deixa ver no cômputo de graus. Se isto é verdade, os primeiros povoadores destas partes entraram nelas depois dos anos 2933 da criação do mundo, que foi o tempo em que reinou o sábio Salomão, 1028 anos antes do nascimento de Cristo.²²

A rigor, o argumento central desta teoria suporta as demais: a que fala da vinda de Ofir, ou dos troianos, ou de uma das dez tribos de Judá (e aqui pode-se perceber um retorno ao ecletismo). A origem judaica dos índios se “prova”, segundo ele, pela semelhança de costumes entre estes índios e aqueles antigos judeus: “como é o serem medrosos, cobardes, supersticiosos, mentirosos, conservadores da geração de seus irmãos, casando-se com as cunhadas, quando aqueles morrem; lavarem-se a cada passo nos rios, e outros usos, que se conformam com esta nação”.²³ Do ponto de vista da história natural, Vasconcelos considera que o ponto fraco de todas as opiniões descritas acima é a impossibilidade de explicar como se deu a passagem de animais terrestres como tigres, onças e outros semelhantes para estas partes. Porque é sabido que Deus ordenou a Noé que se ocupasse em salvar na arca as castas de todos os animais, macho e fêmea.

Como podemos ver, o conhecimento baseado na filosofia natural que Vasconcelos vem tentando construir, no que se refere ao povoamento da América, tem que se ajustar com a versão bíblica. O argumento histórico decisivo é “a ordem de Deus a Noé”. É a partir dela que o autor vai adiante.

22 VASCONCELOS, *Notícias curiosas ...*, p. 86.

23 *Ibid.*, p. 97. Bastante reveladora esta associação dos hebreus com os índios, especialmente em se tratando de enfatizar as características negativas, porque irracionais, que lhe são comuns. Neste aspecto, identificaria uma postura diferente entre Vasconcelos e Vieira, que se notabilizou, dentre outras causas, pela defesa dos judeus contra a política discriminatória da monarquia portuguesa.

Considerando as diferentes opiniões sobre a migração de homens e animais para o Novo Mundo, pondera que uma decisão neste ponto depende se se considera a América uma ilha ou uma terra contígua com os demais continentes. Como o autor não encontra uma resposta garantida para esta questão, recorre ao probabilismo e ao ecletismo: “Suposta a indeterminação dos pareceres: a resolução seja também condicional”. Acha *mais provável* a suposição de que se trate de uma ilha, amparando-se no julgamento do Pe. José da Costa da Companhia de Jesus, em *De Natura Novi Orbis*, que permite ver

mais às claras a verdade da resolução principal (...) que depois do dilúvio geral do mundo, é incerto em que tempo passaram a estas partes os primeiros povoadores delas; porque além da incerteza de opiniões tão várias, como vimos, com esta última sentença se demonstra mais; porque se até hoje se não pode averiguar se pelas partes últimas desta terra se podia passar a pé enxuto, ou se de força se havia de passar por água, nem que distância tinha esta; como se poderia averiguar, quando passaram os primeiros que vieram povoar este mundo?²⁴

Partindo desta “mais provável opinião”, o autor tenta conciliá-la com as demais opiniões:

“Depois de todas as opiniões, e modos de responder acima deduzidos, me pareceu referir aqui a opinião de Platão, e de outros filósofos seus antecessores: porque por meio desta (se é verdadeira) se responde com muito mais facilidade, e brevidade”.²⁵

Segue explicando que Platão e outros depois dele já se referiam à Atlante e à passagem pelas “Colunas de Hércules” para se chegar a um mar que acabou sendo navegável, o hoje chamado Atlântico. Simão não tem dúvidas de que a Atlântida era nada mais nada menos do que a América:

24 VASCONCELOS, *Notícias curiosas ...*, p. 89.

25 Ibid.

E a razão está manifesta: porque sendo o corpo desta ilha maior que o da África, e Ásia, e começando da Colunas de Hércules, ou boca do mar Mediterrâneo, e percorrendo por aquele golfo, chamado ainda hoje Atlântico, não era possível que deixasse de ir entestar com toda a costa, chamada agora Nova Espanha (...).²⁶

Uma vez demonstrado que a América é um só e grande continente, o autor conclui que a migração para o mesmo ocorreu paralelamente em suas diversas partes. Quanto à proveniência dos migrantes, defende que só podem ter vindo da África e/ou Europa pois Vasconcelos compartilhava da crença de que a América havia se constituído em um só continente junto com a África e a Europa, em um passado remoto. E daí deduz a resposta para a pergunta sobre como teria sido possível tal migração: Platão já havia se referido à brevidade da distância entre as Colunas de Hércules e a ilha de Atlante (América), sendo depois referendado por Marcílio Ficino, Diodoro Sículo, Abraão Hortélio, e outros. Também em Aristóteles é possível encontrar tal prova, quando diz que o senado dos atenienses proibiu em tempos antigos os seus cidadãos de navegarem além das Colunas de Hércules até a ilha de Atlante.

Mas, além do uso da filosofia platônica enquanto critério de autoridade, Vasconcelos ampara sua certeza na experiência (dos navegantes), e, para compatibilizá-las, acaba recorrendo ao ecletismo. Embora declare sua simpatia pela teoria de Atlante, faz notar que muitos, em sua época e antes dele, haviam-na considerado “fabulosa”. O que o leva a recomendar ao leitor que, em um tema tão duvidoso, cada qual siga a opinião que lhe parecer melhor ou mais verdadeira. Parecem-lhe verdadeiras, por exemplo, as respostas dadas pelos índios “ao fato de não terem conservado as cores” (a branca, por suposto). “A associação da cor branca ao frio, à neve, e a escura, ao calor, está presente em ambas as explicações, a dos índios e a da filosofia, além de estar em conforme a experiência”.²⁷

26 VASCONCELOS, *Notícias curiosas*, p. 90.

27 *Ibid.*, p. 92.

O curioso, neste ponto, é que, ainda assim, a explicação não convence o Pe. Vasconcelos, o qual pondera que o fato de os índios terem se tornado morenos não prova, não garante, que isto seja uma lei geral, “porque de sucessos singulares, não se argumenta, com eficácia para o sucesso geral”. Sente-se aqui o predomínio do raciocínio dedutivo escolástico que permite deduzir o singular do universal, mas não induzir o geral a partir da soma de um certo número casos particulares. Pois pequenas variações ou exceções podem sempre existir, e de fato existem no tema em questão. Pois a causa da cor vermelha dos índios do Brasil, “procede sem dúvida de calor, mas não de qualquer modo, senão depois de convertido neles em natureza”.²⁸ De outra forma, como se explicaria o caso de homens brancos vivendo no calor e entre os índios por longos anos “sem chegarem a ser vermelhos como os índios, nem gerarem filhos vermelhos como eles”?²⁹ A dificuldade reside, portanto, em explicar “o modo com que o calor nestes homens vem a ficar em natureza de pai a filhos”. Nesta altura o autor admite estar entrando num terreno no qual, devido à inexistência de explicações anteriores, vai se arriscar a fazer um pronunciamento ainda não encontrado em qualquer outro autor: “A cor vermelha teria sido o resultado da ‘intensão de calor’ e de temperamento necessário à Filosofia para espécie de cor diferente.”³⁰

Mas, imediatamente após admitir a novidade, e mesmo a originalidade de sua teoria, o autor, antes de apresentar seus próprios argumentos para defendê-la, procura o amparo, ainda que parcial, em Aristóteles. Como Descartes, ele parece pisar em ovos quando se trata de deixar de lado o recurso ao critério de autoridade:

E esse tal temperamento, digo eu, que chegou a ser convertido em natureza; e que é força que se transfunda

28 VASCONCELOS, *Notícias curiosas...*, p. 93.

29 De um destes exemplos declara ser “testemunha de vista”, cf. *Ibid.*, p. 93.

30 *Ibid.*, p. 94.

para isso na virtude seminária no macho, e na fêmea, e que por meio dela passe a toda geração de pais e filhos (...). Faz prova desta doutrina (que até agora não achei explicada nos livros) a de Aristóteles, enquanto atribui a brancura do cisne à frialdade do ventre da mãe, e a negrura do corvo ao calor do ventre da mesma: porque em atribui-la ao ventre, dá a entender que é natural aquela qualidade de frio. Porém não satisfaz em tudo: porque se o grau de frio do ventre fora a causa somente deste efeito, produziria sempre o branco o ventre frio, e produziria sempre o preto o ventre quente. E contudo vemos por experiência o contrário: porque a mulher branca, de branco pare branco, e de negro mulato; seja quente ou fria a disposição do ventre. Donde se tira manifestamente, que não está somente no ventre a virtude do grau do frio, ou calor necessário; senão na virtude seminária, que depende de ambos os generantes porque se ambos têm virtude fria, geram branco: se ambos cálida, geram mulato de cor entremeia, nem perfeitamente branca, nem preta.³¹

O forte empirismo presente em Vasconcelos, embora subordinado ao raciocínio dedutivo-demonstrativo, ajuda a dar flexibilidade ao seu pensamento.³² E ilustra mais um aspecto da “modernidade medieval”: a valorização da experiência sem abrir mão do critério de autoridade medieval. Ainda que possamos especular se o critério de autoridade permaneceu

31 VASCONCELOS, *Notícias curiosas*, p. 94.

32 Lynn Martin considera que o “forte elemento de empirismo” que caracteriza o pensamento jesuíta na França do século 16 foi em grande parte responsável pela “flexibilidade” do seu pensamento. Assinala também a forma mais independente de atuação dos jesuítas quando comparados com outras ordens religiosas, no sentido de regras menos formais e mais adequadas ao intenso treinamento acadêmico e intelectual que caracteriza sua formação. Eles, por exemplo, incluem em seu currículo humanista, o estudo de autores pagãos. E esse tipo de preparação lhes foi bastante útil no contato com o Novo Mundo, onde se confrontam com pessoas sobre as quais eram forçados a fazer um julgamento baseado na experiência. Ver A. Lynn MARTIN, *The Jesuit Mind*; Peter A. DORSEY, *Going to School with the Savages*.

mais forte na Ibéria do que na França, onde a hegemonia jesuíta era mais problemática e os jesuítas tinham um inimigo do porte dos jansenistas, não muda o fato de que em ambos os contextos, e particularmente em suas colônias americanas, tal acomodação entre o elemento empírico e a autoridade estava sendo tentada, certamente em gradações diferentes. As considerações de Vasconcelos sobre os índios brasileiros, por exemplo, parecem-me mais presas ao argumento de autoridade do que as de Le Jeune sobre os da Nova França, mas em ambos estava presente a perspectiva de uma conciliação.³³ Ambos argumentam repetidamente que tudo que estão a escrever, ou viram com seus próprios olhos, ou lhes foi contado pelos índios. A fim de melhor ajustar os antigos ensinamentos ao Novo Mundo, Le Jeune chega a sugerir que “o homem apostólico na Nova França”, substitua “os quatro elementos” de Aristóteles por “Afabilidade, Humildade, Paciência e Caridade”.³⁴ O que me interessa realçar aqui é que em ambos os contextos americanos, os jesuítas tiveram de inovar, pois o desafio de entender o Novo Mundo demandava o reconhecimento de que, sobre a maioria dos seus aspectos, não havia qualquer conhecimento prévio. Nesta empreitada, o elemento empírico de seu pensamento foi de grande valia.

Sobre a língua e os costumes dos índios, por exemplo, Vasconcelos admite sua ignorância frente a novidade, e declara possuir mais dúvidas do que certezas. Pondera que as mudanças no interior de uma mesma língua, bem como a diversidade de línguas, devam ser atribuídas à passagem do tempo, que corrompe a língua original através da introdução de novos vocábulos. Pois foi o que aconteceu na passagem do latim para o português, o único conhecimento prévio de

33 Sobre o pensamento dos jesuítas na Nova França, ver DORSEY, *Going to School ...*; Reuben G. THWAITES (ed.), *The Jesuits Relations and Allied Documents*; Kenneth M. MORRISON, *Montagnais Missionization in Early New France: The Syncretic Imperative*.

34 Cf. THWAITES, (ed.), *The Jesuits Relations*, v. 6, p. 101; v. 8, p. 179.

mudança lingüística do qual dispunha o autor.³⁵ Quanto à diversidade de costumes dos povos americanos, começa por lamentar o barbarismo dos índios, que impede esta terra de se transformar no Paraíso terrenal que poderia ter sido. Dentre os costumes bárbaros que retiram dos índios o “freio comum de todo homem racional” estaria o fato de viverem ao som da natureza, sem seguir qualquer fé, Deus ou rei:

Andam em manadas pelos campos de todo nus, assim homens, como mulheres, sem empacho algum da natureza. Vive neles tão apagada a luz da razão, quase como nas mesmas feras. Parecem mais brutos em pé, que racionais humanados; uns semicapros, uns faunos, uns sátiros dos antigos poetas.³⁶

Poucas páginas após expressar tais opiniões depreciativas sobre os índios, Vasconcelos passa a considerar tais “aparentes” traços de barbarismo como não suficientes para retirar dos índios a sua racionalidade. A garantia de racionalidade e inteligência do índio, além de oferecer possibilidades de um trabalho missionário bem sucedido, eleva o status dos próprios relatos indígenas – ainda que sem igualá-los ao texto escrito dos cristãos –, nos quais tantas vezes se apoia Vasconcelos. As lendas indígenas são então consideradas fontes válidas para demonstrar, no tempo presente, a validade de opiniões já conjecturadas pelos antigos. Com a ressalva já feita de que o critério de confiabilidade dos relatos indígenas sempre depende de sua concordância com a tradição bíblica.³⁷ Neste caso, as lendas indígenas que reforçam uma determinada tese, são tomadas como algo que confirma “com evidência a fé

35 O autor não faz qualquer referência às possíveis mudanças ocorridas nas línguas indígenas. Mas a admiração dos jesuítas pelas línguas faladas na América contribuiu para o enaltecimento da inteligência dos índios, ajudando a convencer outros missionários sobre a viabilidade de sua conversão à fé católica.

36 VASCONCELOS, *Notícias curiosas ...*, p. 97.

37 Nestes casos ocorre uma significativa diminuição da distância entre as duas formas de produzir e expressar o conhecimento.

que devemos dar à tradição das gentes, ainda que bárbaras (...) E por que faremos mais caso do que se imprime no papel, que do que se imprime nas memórias dos homens?"³⁸

A "flexibilidade" das opiniões do autor frente aos índios pode levar o leitor a se sentir perdido por um momento sobre qual seria a real avaliação de Vasconcelos sobre os índios e principalmente sobre a validade de seus relatos para a elaboração de uma teoria sobre o Novo Mundo. Como poderia o mesmo autor que considera os índios bárbaros, colocar a tradição oral, na qual se inclui a cultura indígena, quase em pé de igualdade com a cultura escrita? Conforme venho tentando mostrar, a defesa da tradição oral enquanto fonte fidedigna na elaboração do conhecimento, em um momento em que o conhecimento oral vinha sendo substituído e descartado pela "modernidade empírico-racional", é seletiva: um sermão, lido para uma audiência, não é necessariamente colocado em nível de igualdade com uma lenda indígena. No caso da tradição oral indígena, devemos ter em mente que a mesma era somente valorizada quando útil para reforçar teses já aceitas pelos cristãos.

Tentando contornar a contradição de, ao mesmo tempo, considerar os índios irracionais e se basear em seus relatos quando lhe são convenientes, Vasconcelos nos oferece sua solução: embora as aparências (costumes selvagens e pagãos dos índios) pareçam negar, suas religiões têm semelhanças com o cristianismo, fato que denuncia um contato prévio entre elas. E tal contato, o autor vai argumentar nas páginas seguintes, só pode ter sido feito pela passagem do apóstolo

38 Esse último argumento poderia também ser interpretado como ilustrativo da manutenção da valorização da tradição oral entre os que reagiram à substituição do conhecimento oral pelo conhecimento escrito imposta pela "modernidade empírico-racional"? Parece-me que este é mais um aspecto a ilustrar o pertencimento do autor à uma "modernidade medieval". Mas seria também prudente separarmos a tradição oral no contexto europeu e no americano, os sermões das lendas e relatos indígenas, os quais só eram valorizados quando úteis para reforçar teses já aceitas pelos cristãos.

Tomé por estas terras brasileiras, bem como por todos os reinos da América, nelas divulgando o Evangelho. Pois:

Quem haverá que negue ainda hoje haver-se de ter por certa, tradição tão constante por tantas vias, por tantos reinos, por tantas nações, e casos tão extraordinários? Doutra maneira negar-se-á a fé comum da tradição humana em todas as coisas, tanto contra o estilo do mundo, quanto o intento da Sagrada Escritura (...) Se não pergunto EU: assim como no papel as letras, por que não se imprimirão também nas memórias, as espécies das coisas memoráveis?³⁹

Tal procedimento ilustra, mais uma vez, sua relação “flexível” com as fontes nas quais se apóia, selecionando como válido o argumento que reforça a tese tida por verdadeira de antemão. No trecho acima, a veracidade da passagem de Santo Tomé pela América é garantida pela sua antigüidade, pelo número de defensores reconhecidos, e mesmo pela adesão de pessoas comuns.⁴⁰ Com a ressalva de que as pessoas comuns, diferentemente dos Padres da Igreja, abraçariam tais teses não por sua fé nas Sagradas Escrituras, mas “por já estar impresso na natureza e na memória delas”. Não estaria o autor, juntamente com outros jesuítas contemporâneos a ele, compartilhando a teoria platônico-cartesiana do inatismo das idéias? Em certa medida sim, mas com uma singularidade importante: seu argumento de fundo me parece ser o escolástico. Pois quando afirma a “impressão nas memórias de coisas memoráveis”, Vasconcelos deixa também transparecer que o que sustenta tantas similaridades entre povos que se acreditava não terem tido anterior contato entre si é a existência de em uma religião universalista (o cristianismo),⁴¹ que perpassa todas as demais, ainda que muitas vezes de

39 VASCONCELOS, *Notícias curiosas...*, p. 97.

40 Conforme veremos mais adiante, Vasconcelos vai se referir também a provas arqueológicas.

41 Acreditavam também na existência de uma língua universal, da qual a indígena seria uma variação.

forma não facilmente reconhecível. É baseado na crença neste universalismo cristão que os jesuítas justificam sua opção por aceitar e incentivar o sincretismo religioso entre o cristianismo e as religiões americanas e asiáticas. Neste aspecto, Vasconcelos e os jesuítas me parecem estar, sem dúvida, participando do debate epistemológico central do século XVII, referente ao caráter inato ou adquirido das idéias e do processo de conhecimento, ainda que sem se posicionar inteiramente em um dos dois lados, mas sim oferecendo a sua própria contribuição, que inclui o recurso a uma experiência na qual se sobressai sobre os demais, devido ao intenso contato com os povos e religiões do novo mundo americano e do tradicional mundo asiático.

No caso em questão, o relato dos índios fornece provas suficientes de que alguém passou por estas terras divulgando o evangelho. O resto fica por conta do raciocínio dedutivo: se alguém por aqui passou, e este não foi nenhum dos outros Apóstolos:

Resta logo que fosse Tomé. Só a primeira destas proposições tem necessidade de prova: que algum dos sagrados Apóstolos por obrigação de preceito passou a esta América a promulgar o Evangelho.⁴²

A prova disto está nas palavras de Cristo; "Ide pelo mundo universo, e pregai o Evangelho a toda a criatura" (...) Quem diz pelo mundo universo, não deixa de fora a América, que é quase metade do mundo. Quem diz a toda a criatura, não deixa de fora as da América, que são quase a metade das gentes (...) E mostro com razão eficaz; porque Cristo era Redentor universal, tanto da América quanto das outras partes do mundo; logo tanta obrigação lhe corria de mandar ensinar o Evangelho à parte da América, com às outras partes do mundo. Assim o ponderou Hugo Cardeal, tirando a nossa mesma consequência.⁴³

42 VASCONCELOS, *Notícias curiosas ...*, p. 129.

43 *Ibid.*, p. 130.

O que não fica suficientemente provado, segundo Vasconcelos, é se os Apóstolos de fato percorreram todas as quatro partes do universo mundo. Assim sendo, o autor recorre ao recurso eclético de expor a variedade de opiniões existentes sobre o assunto. Se se toma por verdadeiro o depoimento dos Apóstolos, quarenta anos após a morte de Cristo, afirmando que o Evangelho já havia sido pregado em todas as partes do mundo, deduz-se então que pelo menos um dos Apóstolos tem que ter vindo à América. Por exclusão, e amparado em diversas fontes, este Apóstolo tem que ter sido Tomé. Por outro lado, há de se levar em consideração o juízo de vários doutores (Maldonat, Cornélio a Lápide, Lorinus) que dizem que os santos Apóstolos, nem eram obrigados a correr, nem com efeito correram por si mesmos o universo mundo, nem quanto a lugares particulares ou indivíduos. Eles podem ter se limitado aos lugares principais e deixado os demais para serem percorridos por seus sucessores. Embora expresse sua preferência pela primeira hipótese, Simão de Vasconcelos não descarta a possibilidade de a opinião dos doutores estar correta; pelo contrário, preocupa-se precisamente em demonstrar que ninguém jamais negou que a América estivesse entre as principais áreas do mundo.

O procedimento, mais uma vez, consiste na seleção de escritos de diferentes autores que não negam a passagem do apóstolo Tomé pela América. Num segundo momento, Vasconcelos se propõe a refutar explicitamente somente uma opinião: a do doutíssimo Cornélio a Lápide que afirma a inexistência de vestígios de fé na América. A seu favor cita Las Casas, que havia feito referência a “como os índios daquelas partes foram instruídos nos Mistérios da Santíssima Trindade, Parto da Virgem, Morte, e Paixão de Cristo, por uns homens brancos, com barbas, e vestidos até os artelhos”.⁴⁴ Além da

44 VASCONCELOS, *Notícias curiosas*, p. 132.

concordância de importantes autores,⁴⁵ tal tese tem a seu favor a existência de evidências concretas da passagem de Tomé pelo México, Peru, Brasil, e outros reinos. Ainda assim, conforme nos ensina santo Tomás de Aquino, é provável que muitas pessoas não tenham ouvido a pregação do Evangelho. Seria, portanto, injustiça punir os índios que se negam a seguir uma fé que não reconhecem (pelo menos a nível consciente), conforme já denunciado por Francisco de Vitória e por Francisco Suárez.

Refinando um pouco mais suas considerações, Vasconcelos insere a problemática do possível conhecimento, ou reconhecimento da doutrina cristã pelos índios, no debate mais amplo entre dedutivismo e indutivismo. Começa por ponderar que a passagem de santo Tomé pela América não elimina a ignorância dos índios sobre “os mistérios sobrenaturais da fé, Trindade, Encarnação, e Remuneração, que são em si sobrenaturais, e excedem o conhecimento natural do homem (...) nem os mistérios naturais de Deus, Autor da natureza”. Pois:

(...) estas verdades, ainda que podem conhecer-se com a luz do entendimento natural, contudo não são proposições a que chamamos per se notas, nem primeiros princípios

45 Outros autores que suportavam a tese da vinda de Santo Tomé para a América eram o Pe. Francisco de Mendonça da Companhia de Jesus, em *Viridário Pobl.* 44; o Pe. Ribaneira da mesma Companhia, no seu *Flos Sanctorum*; André Lucas na *Vida de Santo Ignácio*, e na vida do próprio Santo Tomé. André Lucas faz referência a uma notável profecia do santo, que anunciava que muitos séculos depois de Tomé viriam a estas terras os seus sucessores, a pregar-lhes o mesmo evangelho; “e trariam por divisas Cruzes em as mãos; e que estas os congregariam em povoações, para que vivessem em ordem e política cristã; e que então Tupis e Garamonis (que compreendem todas as nações) viveriam em paz. O que tudo teve cumprimento com a entrada da Companhia de Jesus naquelas partes”. (VASCONCELOS, *Notícias curiosas...*, p. 133.) A melhor prova de que tal profecia estava em plena concordância com a tradição encontrada entre os índios foi a rapidez com que os jesuítas se inseriram naquelas províncias. (interessante notar aqui o recurso à profecia enquanto fonte histórica, mais ou menos nos mesmos moldes em que aparece Vieira).

quanto a nós, posto que a sejam em si; e é necessária, ou própria invenção, ou doutrina alheia; para o que são os entendimentos dos índios do Brasil tão pouco capazes de especular nestas matérias, que o que mais souberam per si, foi o conhecimento daquela confusão, que por vezes dissemos, de uma excelência superior, a que chamam Tupã.⁴⁶

Vasconcelos não acredita que a ignorância dos assuntos de fé ofenda os ditames da razão, pois “todos aqueles que nesta sua gentildade vivessem, segundo a justa lei da razão, e ditame do bom, e honesto, poderiam alcançar de Deus graça, e salvar-se”.⁴⁷ De novo a influência de Las Casas e Vitória contrastando com a visão ‘a La Sepúlveda’ expressa pelo autor no trecho onde se refere aos índios enquanto bárbaros. É esta visão benevolente e positiva da natureza e inteligência do índio, e principalmente sobre a natureza brasileira, que vai dar o tom do tratado até o seu final. A “bondade da terra e do clima do Brasil” é descrita em detalhes, por vezes minuciosos, visando se contrapor aos sábios da Europa, Ásia e África de todos os tempos, que conspiraram para “aniquilar e desacreditar em tudo esta quarta parte do mundo”.

Diziam não poucos, nem menos autorizados Filósofos, e Astrólogos, que nesta região, como em toda mais zona tórrida, não havia céu correspondente; porque afirmavam que não era esférico, senão que era a modo de pinha, ou de um pavilhão, ou de casa fundada em colunas, que de uma parte tem o teto, de outra o fundamento, ficando o

46 VASCONCELOS, *Notícias curiosas ...*, p. 135. Segundo Eduardo Hoornaert, a própria crença de algumas tribos indígenas brasileiras em uma entidade central (Tupã), sugerindo quase que um “monoteísmo pagão” indígena, prévio ao seu contato com os europeus, tem que ser problematizado. Argumenta ele que Tupã foi resultado do contato dos índios com os jesuítas. A prova disso é que nunca se ouviu falar em Tupã entre as tribos que não tiveram contato com os padres da Companhia de Jesus e, dentre aquelas que o tiveram, assim que a relação deixou de existir, também não se falou mais de Tupã. (Eduardo HOORNAERT, *O Cristianismo Moreno no Brasil*).

47 VASCONCELOS, *Notícias curiosas ...*, p. 136.

meio, que corresponde à zona tórrida, sem nenhuma parte deste benigno corpo.⁴⁸

Em outras palavras, o Céu não cobriria toda a terra;⁴⁹ existiria uma parte deste mundo sem teto, que seria a América.⁵⁰ Tal tese recebia, então, o apoio de um significativo número de adeptos. Assim o considerou o Pe. S. Crisóstomo, *Homil. 14 e 17* sobre a *Epístola dos Hebreus*; onde estranha muito a opinião dos que dizem, que o céu é esférico, correspondente a toda a terra; e cuida que é contra a Sagrada Escritura quando diz que é o Céu tabernáculo fixo.

Com S. Crisóstomo concordam Teodoreto e Teofilato: e Lactâncio riu-se dos Filósofos, que cansam seu engenho em provar que o Céu cerca toda a terra. E o que é mais, que duvidou S. Agostinho nesta matéria, tão grande Filósofo, e Astrólogo (...) Procópio afirma que é contra a Sagrada Escritura a sentença de Aristóteles que diz que o céu é esférico, e que se move ao redor da terra.⁵¹

Formam alguns este argumento em prova desta opinião porque, olhando nós para as Estrelas quando estão sobre nossa cabeça parecem menores; e quando estão no horizonte parecem maiores, sendo as mesmas. Isso ocorre porque aparecem em diversa distância, menos longe quando maiores e mais quando menores: não estão, logo, em Céu esférico, porque a esfera não admite lugares menos e mais distantes.

Tal debilidade astrológica da América não poderia, segundo os mesmos autores, deixar de proporcionar debilidades em

48 Ibid., p. 138.

49 Uso as palavras Céu e terra respectivamente com iniciais maiúsculas e minúsculas seguindo a opção do autor. O mesmo se aplica para Astrólogos, Filósofos, etc.

50 Está aqui já presente a tendência, ainda hoje não extinta, de descrever a América (América Latina) pelo que lhe falta para ser igual à Europa (América do Norte). Para uma perspectiva histórica das teorias depreciativas sobre a América desde o século XVII até o XIX, p. ex., o excelente livro de Antonello GERBI, *A disputa do novo mundo*.

51 VASCONCELOS, *Notícias curiosas ...*, p. 139.

outros aspectos do continente. Alguns chegavam ao ponto de afirmar que não podia haver terra onde não havia Céu, “em uma tentativa de aniquilar a terra do Brasil, e da América toda”. Outros duvidavam que o criador pudesse ter criado uma terra que “não havia de ser habitada, pela inclemência dos Astros, quando nela admitíssemos Céu”. Do que resultava a imagem de uma “região sem Céu, e sem terra, tornada em ar, e água somente”.⁵²

Vasconcelos se propões a livrar de calúnias tão fora da razão a terra do Brasil e do Novo Mundo. Considera “ignorância” a tentativa de se retirar o Céu e seus influxos benignos da América. Argumenta contrariamente que, já desde a Grécia Antiga, Filósofos (Tales de Mileto, Pitágoras e Liceto, os Sábios da Babilônia, da Caldéia, do Egito e da Grécia – Aristóteles, Ptolomeu, Platão) têm afirmado a existência de um só Céu, redondo e esférico, que cobre todo o mundo, provando isto com “razões evidentes, assim filosóficas como astronômicas”. Além da autoridade dos Filósofos, nosso jesuíta ampara-se igualmente na recente “experiência do movimento do sol, da lua, e estrelas errantes”, na experiência direta cotidiana, confirmada pela Sagrada Escritura:

Todas estas vemos com nossos olhos, nesta mesma região caluniada, irem subindo todos os dias do horizonte oriental ao meio do Céu: e deste descer até o Poente: e daqui voltar outra vez em perene movimento ao lugar do seu Oriente. E se o Céu não fora esférico, e esférica a terra, não tinham os astros porque andar à roda. Na mesma forma, com nossos olhos estamos vendo, que vai o Céu rodeando a terra com suas estrelas fixas igualmente distantes: segundo confirma a Sagrada Escritura com as palavras do princípio do Eclesiastes, dizendo assim: o sol põe-se e torna ao seu lugar; e tornando a nascer, volta em giro pelo Meio-dia, e rodeia pelo Aquilão do Norte, alumando todas as cousas em circuito, e torna a voltar a seus círculos. E a mesma Escritura a cada passo chama

52 Vide, a esse respeito, as teorias que afirmavam a ocorrência de um segundo dilúvio, exclusivamente americano. (GERBI, *A disputa do novo mundo*).

ao Céu âmbito, cerco, ou giro, que vale o mesmo que esfera; como também à terra chama orbe: Orbi terrarum et quidquid coeli ambitu continetur. Pois logo que dizem a isto os Astrólogos? Como podem negar que seja esférico o Céu?⁵³

Além da evidência fornecida pela experiência direta e pela correta interpretação das Sagradas Escrituras, o autor também assume o pressuposto filosófico e científico moderno (platônico) de que as coisas não são o que parecem ser:

O argumento contrário das estrelas menores e maiores, é só aparente; porque estas estão sempre em a mesma distância da terra, ou em respeito da superfície, ou centro dela. E o parecerem maiores quando estão no horizonte, procede da crassidão dos ares, e vapores, que se põem entre elas, e nós; engrandecendo-as tanto mais, quanto mais, e mais grossos são os vapores: não porque na verdade o sejam, mas porque o parecem aos olhos; assim como parecerá qualquer coisa metida na água, que fora dela, por respeito da crassidão do meio por onde passam as espécies.⁵⁴

A frase em destaque explicita um dos argumentos centrais dos filósofos e cientistas modernos: eles são aqueles capazes de ler a natureza (o Livro da Natureza) como ela de fato se organiza e funciona (através da matemática), e não meramente como se apresenta aos olhos. A visão de estrelas maiores e menores não passa de aparência; na realidade, em sua essência, elas são todas do mesmo tamanho. Seguindo a tradição platônica, na qual também se ampara em grande medida a ciência moderna, há uma estreita associação entre essência e verdade (idéia), e de aparência com opinião (sentidos). Digno de nota é a compatibilização tentada por Vasconcelos entre tal perspectiva e a filosofia natural aristotélica, que explica os fenômenos da natureza em função de ares e vapores e não compartilha definitivamente com a visão passiva da natureza preconizada pela filosofia mecanicista.

53 VASCONCELOS, *Notícias curiosas ...*, p. 140.

54 Ibid.

Ainda rebatendo as provas tão pouco concludentes “daqueles que além de querer roubar o Céu, queriam também roubar a terra do Brasil e da América”, Vasconcelos afirma que:

Toda a meia zona a que chamavam Tórrida, não só não é terra inútil, seca, requeimada, deserta, inabitável para a gente humana; mas pelo contrário que é uma região temperada, amena, abundante de chuvas, orvalhos (...) Isto viram e experimentaram primeiro que todos os mortais de Europa, um Colon, e seus companheiros: um Cabral com toda a sua Armada(...) Isto vemos, e gozamos nós hoje que habitamos, com tal suavidade de temperamento como em um paraíso na terra.⁵⁵

Adverte-nos, contudo, que embora esteja nos oferecendo uma explicação até então inédita para a existência de vida, e de uma excelente qualidade de vida nos trópicos brasileiros, não se trata de uma verdade nova. Pelo contrário, muitos dos antigos já haviam “acertado no conhecimento desta verdade”:⁵⁶ Erastótenes, Prolábio, Ptolomeu, Avicena, santo Tomás e seus seguidores (dentre o quais o autor se inclui) “chegaram a defender que nesta parte debaixo da linha Equinocial criara Deus o Paraíso terrestre”. Como veremos a seguir, Vasconcelos vincula suas observações, aliás bastante precisas, sobre o clima e a natureza brasileira, à busca pelo Paraíso terrestre que vinha intrigando os sábios desde sempre. Argumentos da experiência direta (normalmente na primeira pessoa do singular), da verdade científica por trás das aparências, da razão filosófica e da teologia (correta interpretação da Bíblia), combinam-se na explicação do autor para a localização do Paraíso terrestre no Brasil.

55 VASCONCELOS, *Notícias curiosas*, p. 140.

56 Argumento bastante semelhante ao de Vieira quando tentava provar a influência dos tempos e dos homens modernos na correta interpretação das escrituras, sempre se referindo ao fato de alguns poucos antigos já terem vislumbrado tal verdade.

3 - Conclusão: A Explicação para o Clima Primaveraíl na Zona Tórrida e a Tese sobre a Localização do Paraíso Terrestre

Não é bastante a homens de bom entendimento ver, e experimentar: sobretudo será gosto saber a razão fundamental das cousas tão notáveis, e ouvir confutar os maiores Sábios dos séculos.⁵⁷

Os Sábios dos séculos anteriores erraram ao ancorar seu arraçoado na tese segundo a qual “o sol quanto mais de perto fere, e quanto com raios mais diretos, que depois refletem sobre si, e se encontram uns com os outros, é força intendam o calor, aguentem, secem, requeimem, e abrasem a terra”. Isso pode ser lógico, mas não é verdadeiro, conforme o autor se propõe a demonstrar, mostrando “os enganos da razão humana”:

Os homens que habitam a parte do Sul do Brasil que chamam Rio de Janeiro, vêem por experiência, que na maior ausência do sol, e quando é ferida por raios mais oblíquos, então está mais seca, falta de chuvas, e umidades; e pelo contrário, em presença do sol, e quanto mais ferida por seus raios diretos, então está mais úmida, abundante de chuvas, e vapores: logo aqui não é verdadeiro aquele seu princípio, que quanto mais o sol fere mais de perto e quando com raios mais diretos, tanto mais aquece, e seca; e por conseguinte nem daqui formam bom argumento, que seja a terra do Rio de Janeiro seca, tórrida, requeimada e inabitável aos homens.⁵⁸

Prossegue dando outros exemplos da experiência cotidiana que reforçam suas observações sobre a umidade do verão no hemisfério sul, aparentemente paradoxais para observadores provenientes do hemisfério norte, onde os verões são secos. Na zona tórrida, com poucas exceções, a umidade

57 VASCONCELOS, *Notícias curiosas ...*, p. 142.

58 Ibd.

umenta com a maior intensidade de raios diretos do sol. Está aí a chave para se compreender por que “a zona tórrida nunca se torre de seca” (...) “porque a refrescam, e umedecem os vapores desfeitos em chuvas: e mui ao contrário se filosofa nesta matéria fora dos Trópicos: porque ali a chuva com o frio, o calor com a secura andam inseparáveis”.⁵⁹

As últimas vinte páginas do livro são utilizadas pelo autor para “demonstrar cada uma das bondades” do Brasil, muitas delas extensivas a todo o continente. Justificando suas afirmativas no postulado aristotélico que jamais dissocia do ser das propriedades que lhe são inerentes, conclui ser o ser do Brasil inseparável de suas características. Se uma é boa, a outra também o é necessariamente, e vice-versa. “Em toda boa filosofia, da bondade das propriedades se colhe a bondade do ser”:

Confesso que andando e correndo esta terra, e considerando a perfeição de sua formosura, me ria comigo algumas vezes, lembrado dos ditos dos antigos, e do engano em que viveram por tantos séculos; e baste isto para os que negaram o ser a esta terra; e outros dirão que não mereciam, nem ainda esta resposta. Os que negaram as propriedades, vinham ao mesmo que a negar o ser; porque segundo Aristóteles, as propriedades são as mostras do ser. E é certo, que a mesma experiência que nos mostrou o ser do Brasil, nos mostra justamente a perfeição das propriedades dele: e são estas tais que parecerão incríveis aos que não as viram. E por esta razão estou obrigado a prová-las mais por menor; e daí responderei depois aos Autores que foram em contrário.⁶⁰

Embora o estilo da redação do parágrafo 64, na primeira pessoa e recorrendo a termos como “dúvida”, “idéias claras e distintas”, possa nos remeter, como em vários outros

59 Outra notável diferença entre os trópicos e as regiões temperadas é o tamanho de dias e noites, que é o mesmo durante todo o ano.

60 VASCONCELOS, *Notícias curiosas* ..., p. 144.

momentos, às *Meditações filosóficas* de Descartes, trata-se aqui de defender e demonstrar a veracidade dos postulados de Aristóteles e da escolástica tomista.⁶¹ Dentre as propriedades requeridas para que uma terra seja boa, Vasconcelos prioriza quatro: 1) “Que se vista de verde”: ervas, pastos e arvoredos de vários gêneros; 2) “Que goze de bom clima, de boas influências do Céu, do sol, da lua, e estrelas”;⁶² 3) “Que sejam suas águas abundantes de peixes, e seus ares abundantes de aves”; 4) “Que produza todos os gêneros de animais, e bestas da terra”. A veracidade desta classificação se encontra no “Divino Texto” da terra: “e por estas quatro propriedades a provou por boa o Autor dela”.

Uma vez que o Brasil possui as quatro propriedades acima, é impossível não concluir que se trate de uma terra boa; “nem poderá deixar de ser defeituosa aquela (terra) na qual faltarem todas quatro, ou parte delas”.⁶³ Segundo o autor, “só pode duvidar da bondade da vegetação do Brasil quem jamais esteve lá, nem teve notícia dele”, da riqueza e variedade de suas árvores, frutas, tubérculos, etc. O mesmo é válido para o clima que, “mui agradável, e de suave temperamento” é “por excelência bom entre todas as demais terras do mundo”.⁶⁴

61 A própria suposta completa oposição de Descartes ao aristotelismo-tomista vem sendo questionada. Ver, p. ex., TOULMIN, *Cosmopolis*, e Constance BLACKWELL, *The Case of Honoré Fabri and the Historiography of Sixteenth and Seventeenth Century Jesuit Aristotelianism in Protestant History of Philosophy*: Sturm, Morhof and Brucker.

62 Mais uma vez gostaria de chamar a atenção para o uso de iniciais maiúsculas e minúsculas no vocabulário do autor. Céu e Paraíso, por exemplo, começam com letras maiúsculas, ao passo que sol, lua e mesmo terra com minúsculas. O uso atual destas palavras – maiúsculas para Sol, Lua e Terra quando nos referimos aos respectivos astros – pode ser um sintoma da influência da ciência moderna, e da menor importância atribuída à teologia (céu e paraíso hoje começam com minúsculas).

63 VASCONCELOS, *Notícias curiosas ...*, p. 145.

64 *Ibid.*, p. 157.

O bom clima, prossegue, é vital para a “vida, saúde, e contentamento dos viventes”. Por isso mesmo, a bondade do clima deve ser considerada um indicador deveras importante para que se possa inferir a maior ou menor proximidade com o Paraíso terreno. A medida de toda a felicidade natural foi o estado do Paraíso terreno, por isto chamado de deleites: e toda esta sua felicidade consistia “no temperamento proporcionado pelos quatro humores procedidos das quatro qualidades do clima”, com o qual o homem viveria para sempre, e sempre com saúde e gosto, se não tivesse sido impedido pela “amargura do pecado”. Desta medida – o Paraíso – tem decaído o gênero humano; e quanto mais distante está cada qual das regiões do mundo daquele clima e temperamento primeiro, tanto mais distante está daquela primeira felicidade.

Em suporte dessa “correta doutrina”, cita alguns Médicos que asseguram não haver, no estado presente da natureza decaída, clima que não seja doentio, nem homem que não seja doente. E conclui não haver clima nem temperamento, “que não diminua daquele primeiro do Paraíso: e como aquele era a regra de vida, saúde, e contentamento do homem; tudo que é menos; é menos vida, menos saúde, menos contentamento”. Dessa regra não escapamos nós mortais, senão que:

como fomos gerados com esta mesma destemperança, e não gozamos outra melhor; não advertimos no que nos falta: mas pode adverti-lo o douto Médico, que considera nossas ações destemperadas; porque não há homem, que possa dizer com verdade que passa isento de achaque, ou descontentamento, sem saber dizer o porquê, e o porquê, é a falta de proporção requisita para saúde, e posto perfeito.⁶⁵

Mais uma vez, o uso da metáfora – o médico sabe melhor que o doente sobre a sua doença bem como sobre a concepção de uma boa saúde – torna o argumento mais didático e acessível. Percebe-se também uma certa influência

65 VASCONCELOS, *Notícias curiosas*, p. 158.

platônica, já incorporada pela escolástica medieval na idéia de gradações de bondade, tomando um paradigma como a bondade em si (do clima): aquele do qual o homem desfrutou no Paraíso terreno, mas do qual não tem mais memória. Daí sua incapacidade de reconhecer a distância que o separa do mesmo, semelhante à do homem acorrentado no fundo da caverna, incapaz de avaliar a sua ignorância sobre o mundo real. Como na “Alegoria da Caverna”, está aqui pressuposto que a maioria dos viventes passa por este mundo sem jamais ter visto a luz (a idéia, a verdade, o que ultrapassa as aparências). Os únicos capazes de dimensionar sua própria ignorância são aqueles que atingiram algum grau de clareza; os demais necessitarão sempre de ajuda. Um tipo semelhante de ignorância – do clima do Paraíso terreno, tomado aqui enquanto a idéia – dificultaria a medição da distância que dele se encontra o clima do Brasil ou de qualquer outra região do mundo.

No que se refere à maior ou menor proximidade entre os diferentes climas da terra em relação ao do Éden terreno, a única fonte válida para se conhecer as condições climáticas do Paraíso é o *Gênesis*. Neste tema tão fundamental, a experiência direta é de pouca valia, pois não há ninguém vivo que o tenha experimentado em sua situação original, a situação e a geografia paradisíaca. Mas pela descrição da Bíblia, única fonte acessível, parece ao Pe. Simão de Vasconcelos que o Brasil foi o estado “que decaiu menos”: pois “a bondade do clima compõe-se da bondade dos astros que nele predominam, e também da bondade dos ares”. Neste aspecto, a experiência dos grandes Astrólogos que computaram regiões da África e Antártidas (nas quais ele inclui o Brasil), volta a ser de grande valia.

O tema da bondade dos astros era bastante relevante e, a rigor, inovador naquele contexto. A defesa da bondade da terra e do Céu do Brasil coloca Vasconcelos no centro do debate sobre as condições astrológicas (astronômicas) do Brasil, e do hemisfério Sul, iniciado por Américo Vespúcio no século XVI. Seguindo o caminho iniciado pelo piloto florentino em

1500, o jesuíta Vasconcelos, além de negar a superioridade das estrelas setentrionais, afirma: “sem gênero de dúvida, que são muito mais luzidas e maiores as que se vêem vizinhas do Pólo Antártico”, desafiando a crença então altamente difundida na inferioridade dos astros do Hemisfério Sul.⁶⁶

Referências Bibliográficas

- BLACKWELL, Constance. The Case of Honoré Fabri and the Historiography of Sixteenth and Seventeenth Century Jesuit Aristotelianism in Protestant History of Philosophy: Sturm, Morhof and Brucker, *Nouvelles de la Republique des Lettres*, 1996.
- DOMINGUES, Beatriz H. *Tradição na modernidade e modernidade na tradição: a modernidade ibérica e a revolução copernicana*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, COPPE - UFRJ, 1996.
- DORSEY, Peter A. Going to School with the Savages: Authorship and Authority among the Jesuits of New France, *William and Mary Quarterly*, v. 55, n. 3, p. 399-420, jul. 1998.
- ESGUERRA, Jorge Cañizares. Latin America: from Baroque to Modern Colonial Science. In: PORTER, Roy. (ed.) *Cambridge History of Science*. V. 18. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- GERBI, Antonello. *A disputa do novo mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOORNAERT, Eduardo. *O Cristianismo Moreno no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- MARTIN, A. Lynn. *The Jesuit Mind: the Mentality of an Elite in Early Modern France*. Ithaca, NY: 1988.
- MORRISON, Kenneth M. Montagnais Missionization in Early New France: The Syncretic Imperative, *American Indian Culture and Research Journal*, v. 10, n. 3, p. 1-23, 1986.

66 VASCONCELOS, *Notícias Curiosas ...*, p. 159.

- MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero: Cultura e Idéias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.
- NELSON, Benjamin. *On the Roads to Modernity: Conscience, Science and Civilizations*. New Jersey: Rowman and Littlefield, 1981.
- PAZ, Octavio. *Sor Juana Ines de la Cruz: The Traps of the Faith*. Cambridge, Mass.: The Beknap Press of Harvard University, 1988.
- THWAITES, Reuben Gold. (Ed.) *The Jesuits Relations and Allied Documents*. 73 vols. Cleveland: 1896-1901.
- TOULMIN, Stephen. *Cosmopolis: The Hidden Agenda of Modernity*. New York: The Free Press, 1990.
- VASCONCELOS, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus*. 3. ed. Petrópolis/Brasília: Vozes/INL, 1977.
- VIEIRA, Antonio. *História do Futuro*. Hrg. von Josef van den Besselaar. 2 v. Münster: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 1976.

Beatriz H. Domingues
Rua Dom Viçoso 62/402
Alto dos Passos – Juiz de Fora 36026 – 390